

Saberes docentes de periferia urbana em companhia de Michel Foucault
/ Teaching knowledge in the urban periphery with the Michel Foucault's concepts

*Rosimeri de Oliveira Dias**

RESUMO

Este artigo explicita a relação estreita do trabalho com formação inventiva de professores para pensar saberes docentes de periferia urbana em companhia de Michel Foucault. Ele acontece em uma série de projetos que criam salas de pesquisas em escolas públicas parceiras, para dar materialidade e acolhida aos trabalhos do Grupo de Pesquisas Oficinas de Formação Inventiva de Professores – OFIP – da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Formação inventiva é um dispositivo de análise e intervenção que faz operar problematizações, ampliando o grau de suportabilidade para as vulnerabilidades. Os saberes docentes de periferia urbana têm como princípio promover o ensino como pesquisa às margens das cidades, com a manutenção de grupos de estudos com estudantes e professores de São Gonçalo. A ideia é a de criar um espaço tempo experiencial na periferia urbana em que seja possível seguir afirmando uma formação perspectivada pela invenção de si e de mundos.

PALAVRAS-CHAVE: produção de subjetividade; saberes docentes, invenção; dispositivo.

ABSTRACT

This article makes explicit the close relationship between work and inventive teacher training to think about teaching knowledge in the urban periphery with Michel Foucault's concepts. It takes place in a series of projects that create research rooms in partner public schools, to give materiality and support to the work of the Research Group Oficinas de Formação Inventiva de Professores - OFIP - at Rio de Janeiro State University. Inventive

* Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, FAPERJ, Prociência UERJ; rosimeri.dias@uol.com.br

training is an analysis and intervention device that problematizes, increasing the degree of supportability for vulnerabilities. Teaching knowledge of the urban periphery is based on the principle of promoting teaching as research on the margins of cities, by maintaining study groups with students and teachers from São Gonçalo city. The idea is to create an experiential space and time in the urban periphery that makes it possible to affirm a formation envisaged by the invention of oneself and the world.

KEYWORDS: *production of subjectivity; teaching knowledge; invention; apparatus.*

Introdução

Este artigo é escrito a partir da conferência proferida na terceira edição do Encontro Internacional - Michel Foucault perspectivas da margem - realizado em setembro de 2024, na Universidade Federal Fluminense². É importante dizer, para começar, que para pensar saberes docentes de periferia urbana em companhia de Michel Foucault só é possível, porque materializamos um trabalho coletivo desde as margens, em São Gonçalo, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP –, desde 2008, sobre formação inventiva de professores, em relação estreita com escolas públicas do Leste Fluminense.

A proposta de uma formação inventiva de professores é muito simples: encontrar, officinar e conversar com estudantes e professores de escolas públicas parceiras. Com uma série de projetos³ criamos salas de pesquisas nas escolas parceiras, para dar materialidade e acolhida aos trabalhos do grupo de pesquisas oficinas de formação inventiva de professores – OFIP –, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e desigualdades sociais, da UERJ. É neste âmbito de análise e de intervenção que venho forjando práticas e oficinas de formação inventiva de professores – Ofips – (DIAS, 2012; 2019) nos espaços de encontro entre universidade e escola básica.

² Agradeço à Priscila Cupello pelo convite e organização do Encontro.

³ No decorrer destes mais de 15 anos em trabalhos parceiros com escolas públicas desenvolvemos projetos de formação inventiva de professores com apoio e financiamento da UERJ, FAPERJ, CAPES e CNPq. Por ocasião do evento, a fala foi acompanhada por uma série de imagens das pesquisas, neste artigo decidimos não colocar imagens, que podem ser visualizadas nas redes sociais do Grupo de Pesquisas. Para maiores detalhes acessar: www.ofip.ffp.uerj.br; <https://www.instagram.com/ofip.uerj/>; <https://m.facebook.com/Ofip.formacaoinventiva/?ref=bookmarks> e <https://m.youtube.com/user/OFIPffp>.

Uma formação inventiva de professores é um dispositivo de análise e de intervenção que faz operar problematizações, ampliando o grau de suportabilidade para as vulnerabilidades. Aqui é bom respirar um pouco e dizer, em companhia de Michel Foucault, que um dispositivo não é uma ferramenta a mais para poder analisar e intervir nas vulnerabilidades da educação, da formação. Aqui, neste trabalho, o dispositivo (FOUCAULT, 2008) demarca, em primeiro lugar, um conjunto heterogêneo que engloba saberes, discursos, práticas, estratégias, leis, regulações, instituições, enunciados científicos, filosóficos, morais, afetivos, artísticos e políticas de educação. Em suma, é a tecitura que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, assinala os tecidos relacionais e sensíveis que podem existir nas posições e nas mudanças de posições nas práticas institucionais. Em terceiro lugar, um dispositivo define um modo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. Nestes termos, o dispositivo possui uma função e objetivo estratégico, englobando um duplo processo – solução e invenção – que nos posiciona, como acentua Foucault (2008, p. 246), “diante de um problema que ainda não resolvi”. Sempre inscrito em um jogo de poder, saber e subjetivação, o dispositivo possui uma dimensão discursiva e não discursiva estratégica que lida com um jogo de relações de força, seja para desenvolvê-lo em determinada direção, para bloqueá-lo, para estabilizá-lo, para utilizá-lo, para transformá-lo.

Dito isso, nossa aposta, junto com formação e escolas parceiras, é a de se dispor a continuidade de experienciar uma processualidade de encontrar e de conversar, de problematizações e do que ela, a processualidade, produz de dispositivos para acionar um campo de forças. Como as existências passam a ser governadas, na educação? Que parcelas de indivíduos são, ainda mais, expostas à vulnerabilidade? Que saberes são convocados para a gestão da vida na escola e na formação no presente? Que ações são preconizadas para o campo da educação? Que efeitos são produzidos na subjetividade?

Neste repertório de problematizações com escolas básicas, os trabalhos da OFIP se colocam, no presente, como estratégia de ação para fortalecimento local – escolar – de estudantes e de professores que funciona micropoliticamente com gestos concretos e oficinairos em prol da vida e da formação. E, que gestos são estes? Com que apostas? Nossa aposta é ética-estética-política seguindo as linhas propostas Felix Guattari (2006). Ética porque se abre para a possibilidade de fazer escolhas. No campo da formação,

expressa uma dimensão que, ao não se fechar em dar forma ao futuro professor, expande a possibilidade de se desformar, de se transformar. Estética como um dos caminhos possíveis, entre outros, pelos quais adultos, jovens e crianças realizam estilos de vida não conformados e não consensuais, como ensinou Michel Foucault (2010), afirmando a possibilidade de criar uma vida bela e livre. Política pela atitude de forjar novos encontros, sempre outros que se movem para se diferir daquilo que somos (DIAS, 2012, 2019).

Com tal aposta teórica e metodológica, o tema da invenção e suas oficinas funcionam como gestos ativos de pensamento na formação de professores e na escola básica, longe de ser um problema estritamente educacional, envolve vetores sociais, históricos, políticos, filosóficos, psicológicos, artísticos e culturais que compõem sua produção para suportar, e ampliar o grau de suportabilidade, as vulnerabilidades. Tal tema é analisado no atravessamento entre educação, filosofia, psicologia e arte, buscando pensar a formação inicial e continuada de professores como uma experiência complexa de produção de subjetividade (DIAS, 2014), que analisa e intervém na nossa capacidade de lidar com a alteridade, com a diferença e as vulnerabilidades que circulam na formação e nos habitam.

O intuito é o de manter vivas as ideias de se encontrar e conversar para potencializar um campo problemático que coloca a formação inventiva de professores (DIAS, 2012, 2011, 2019) para funcionar como uma micropolítica do trabalho docente, forjando dispositivos de análise e de intervenção junto às escolas públicas. Pois este modo de trabalhar evidencia uma formação pensada como efeito de práticas ético-estético-políticas (GUATTARI, 2006) que se constitui como produção de subjetividade (DIAS, 2014), como dito anteriormente. Isto significa dizer que operamos com micropolíticas, uma experimentação ativa, no chão da escola básica e da formação. Para isto são necessárias condições de trabalho que acolham modos de pensar, de afetar, de conhecer e de fazer afeitos à invenção. Concretamente, temos operado com a efetivação potente de criar e autogestionar salas de pesquisa nas escolas parceiras. A sala de pesquisa do CIEP Municipalizado 411, criada em 2014, continua ativa e viva até o presente; reafirmar as salas de pesquisa nas escolas como uma dimensão concreta que viabiliza a possibilidade de expandir modos de fazer que abram espaço e tempo escolar para pensar e enfrentar as condições de vida e de formação que nos passam no presente, colocando atenção no que

modula e no que pode se transformar. A ideia com tal constituição é a de fazer funcionar uma maquinaria que crie para cada professor e estudante uma equipagem de inventar saídas e minimizar processos de exclusão em marcha no presente. Que saberes são necessários para forjar uma equipagem que inventa a si e inventa mundos?

1. Margear para constituir saberes de periferia urbana em companhia de Michel Foucault e Heliana Rodrigues

A noção de saberes docentes de periferia urbana com as pesquisas de Michel Foucault tem como princípio promover o ensino como pesquisa nas margens das cidades, com a manutenção de um grupo de estudos com estudantes e professores de periferia urbana. Fazemos este destaque, por meio da ideia de Ewald e Fontana (2011) retirada da advertência escrita para os livros dos cursos do *Collège de France* de Michel Foucault,

a força própria de Michel Foucault em seus cursos vinha desse sutil cruzamento de uma fina erudição, um engajamento pessoal e um trabalho sobre o acontecimento.[...] Michel Foucault abordava o seu ensino como um pesquisador: explorações para livros, desbravamento também de campos de problematização, que se formulavam muito mais como um convite lançado a eventuais pesquisadores (EWALD; FONTANA, 2011, p. XI).

Aceitamos o convite e seguimos com as pesquisas afirmando saberes docentes, no plural, vinculados aos modos pelos quais praticamos problematizações, análises e intervenções que mostrem para os professores e estudantes, de periferia urbana, que eles são mais livres do que aquilo que pensam ser (FOUCAULT, 2006).

No contexto do Programa Prociência UERJ, desde 2012, a temática geral das pesquisas que desenvolvemos sobre “Formação inventiva de professores” sempre traz a presença de Michel Foucault e a companhia da pesquisadora Heliana de Barros Conde Rodrigues (DIAS; RODRIGUES, 2019; 2020a; 2020b; 2020c; 2022; DIAS, 2024) nesta empreitada acadêmica e afetiva.

Nas pesquisas sobre a presença de Foucault no Brasil, Rodrigues (2011, p. 107) nos diz que logo na primeira aula do Curso “Em defesa da sociedade”, de 1976, Foucault analisa com acuidade os efeitos políticos e esterilizantes das grandes sistematizações, abrigadas sob o rótulo de ciências. Redefinindo a genealogia, separando-a de definições eruditas para aproximá-la dos saberes desqualificados e incapazes de unanimidade.

Nesta aula, a de 07 de janeiro de 1976, o filósofo professor mostra que a crítica é constitutiva dos saberes locais das pessoas, menores, para dessujeitar saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de lutar contra a coerção de um discurso teórico-unitário-formal-científico para nos lançar em uma pesquisa genealógica, que trata, como o próprio Foucault (2005, p.13) nos diz:

de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns. [...] As genealogias são, muito exatamente, anticiências. [...] trata-se da insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. E se essa institucionalização do discurso científico toma corpo numa universidade ou, de um modo geral, num aparelho pedagógico, se essa institucionalização dos discursos científicos toma corpo numa rede teórica-comercial como a psicanálise, ou num aparelho político, com todas as suas aferências, como no caso do marxismo, no fundo pouco importa. É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar combate.

Ao nos debruçarmos sobre os cursos do *Collège de France* o que vemos é Foucault se referir em muitas de suas aulas a um possível destino dos saberes transversais, deslocados, minoritários, talvez, se preferirem de contracondutas que sempre se movem ao presente e a sua dimensão acontecimental. Mas é importante dizer que nos muitos estudos que no Brasil vêm se denominando, desde os anos 90 do século passado, como foucaultianos, o próprio mestre filósofo nem sempre consegue escapar às vicissitudes que acima são referidas. Como podemos ver em Julio Groppa Aquino (2019), Alfredo Veiga-Neto e Rech (2014), Silvio Gallo (2014), e tantos outros chamados, assim, de foucaultiano e que realizam uma escrita investigativa na companhia de Michel Foucault, que jamais confinariam Foucault à mera subscrição de ditames temáticos, teóricos e/ou metodológicos, fazendo de seus movimentos acadêmicos uma atitude crítica no enlace com as pesquisas no campo da educação, pois como nas esteiras do poeta⁴ navegar é preciso no registro foucaultiano, exigindo de nós para além e aquém de uma atitude crítica uma posição ético-estética-política (DIAS, 2012) no trabalho com os saberes docentes, fazendo-os se deslocar dos usos normalizadores.

⁴ Fernando Pessoa

Algo próximo do que Rodrigues (2016) realiza em suas pesquisas sobre as cinco presenças, físicas inclusive, de Michel Foucault no Brasil, oferecendo-nos uma análise contundente e, porque não dizer, um inquietante panorama dos modos como o pensamento do filósofo vem sendo apropriado em nosso país. Em suas palavras:

Proliferam os modos de controle: o da citação decorativa e infinita; o da reverência ao mestre (por mais que mestre... a suspeita); o da dogmatização produtora de obediência e renúncia; o da monopolização por sociedades de eruditos; o dos “ismos” de ocasião, banalizadores e impotentizantes; o da disciplinarização sob fronteiras estritas (filosóficas, sociológicas, historiográficas... pouco importa); o das aproximações, sob a forma “Foucault e...”, nas quais o(a) eventual companheiro(a) serve para tornar Foucault mais respeitável (e, conseqüentemente, mais palatável). Aquele sobre quem tanto se contam pequenas histórias nada edificantes viverá hoje, em nosso país, somente em “boas companhias”? Enquanto penso nisso, recebo de um mestre-e-amigo os versos do catalão Juan Manuel Serrat, *Malas Compañías*, que celebram a singularidade de suas próprias amizades. Ao ritmo desses versos, em meio à agonística dos exercícios de poder, o efeito-Foucault, intransigente e ingovernável, volta a ressoar no presente (RODRIGUES, 2011, p. 107-108).

Importante destacar, mais uma vez, a boa companhia que tivemos/temos com Heliana de Barros Conde Rodrigues, marcando sua presença e os efeitos nos trabalhos com os saberes docentes entre formação inventiva de professores e a presença Foucaultiana. Mas voltemos aos Cursos do Collège de France para seguir com o esforço do mestre filósofo em se deslocar do poder, nos posicionando geneallogicamente, metodologicamente, como um empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e indicar como as coisas mudam, transformam-se.

Isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais “menores”, talvez dissesse Deleuze – contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos de poder intrínsecos, esse é o projeto dessas genealogias em desordem e picadinhas. Eu diria em duas palavras: a arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí se desprendem. Isso para reconstituir o projeto de conjunto (FOUCAULT, 2005, p. 15-16).

Que projeto de conjunto seria este? Em outro Curso, o de 1980, *Do governo dos vivos*, Foucault (2014) segue na afirmação do seu projeto de mestria nas pesquisas e na vida, o de ligar subjetividade e verdade. Seu projeto genealógico, já definido desde sua aula inaugural no *Collège de France*, aleturgicamente se expande e vai muito além dos efeitos puros e simples de conhecimentos utilitários. Pois a manifestação da verdade é

muito mais do que dar a conhecer. Para tanto, ele necessita de outros modos de investigação, anarqueológicos, como uma atitude, de não necessidade de poder. Em suas palavras,

o estudo de tipo anarqueológico consistiu em considerar a prática do encerramento em sua singularidade histórica, isto é, em sua contingência, em sua contingência no sentido de fragilidade, de não necessidade essencial, o que não quer dizer evidentemente (muito pelo contrário!) que ela não tinha uma razão e que deve ser admitida como um fato bruto. A própria inteligibilidade da prática de encerramento implica que se possa compreender dentro de que tecido, a uma só vez perfeitamente inteligível, mas perfeitamente frágil, essa prática do encerramento se instalou. Em outras palavras, tratava-se de não partir de nenhum universal que dissesse: eis a loucura (FOUCAULT, 2014, p. 73-74).

Um estudo que propõe a crítica e seu discurso como gesto de luta contra as ideologias e a criação de modos de fazer que acolham a dimensão acontecimental e os seus deslocamentos. Anarqueologia do saber como método passa a operar não mais simplesmente no plano da linguagem ou na relação entre as sintaxes, mas no campo da política, no exercício do poder político, numa palavra, no governo dos homens. E é neste momento em que a anarqueologia, introduzida para problematizar o governo da conduta dos indivíduos, se constitui como tarefa a de tornar evidente as conexões sempre existentes entre poder, verdade e si mesmo, buscando reintroduzir nos jogos de verdade as dissimetrias e seus efeitos de subjetividades.

Neste mesmo ano, o de 1980, Foucault realiza uma conversa com Trombadori (2010) instigante e longa, que tem nos ajudado a constituir nosso trabalho com professores e estudantes de periferia. Em resposta a uma pergunta sobre os novos filósofos e uma linha de recusa da política, Foucault (2010, p. 344) diz,

Não sei o que dizem os novos filósofos. Não li grandes coisas sobre eles. Atribuem a eles a tese segundo a qual não haveria diferença: o mestre seria sempre o mestre, e, o que quer que acontecesse, seríamos pegos pela armadilha. Não sei se é verdadeiramente sua tese. Em todo caso, não é absolutamente a minha. Tento conduzir as análises as mais precisas e diferenciadas, para indicar como as coisas mudam, transformam-se, deslocam-se. Quando estudo os mecanismos de poder, tento estudar sua especificidade; nada me é mais estranho do que a ideia de um mestre que lhe impõe sua própria lei. Não admito nem a noção de mestria nem a universalidade da lei. Ao contrário, prendo-me aos mecanismos do exercício efetivo de poder; e o faço porque aqueles que estão inseridos nessas relações de poder, que nelas estão implicados podem, em suas ações, em lhes serem submissos. E se não digo o que é preciso fazer, não é porque ache que não há nada a fazer, a inventar, a forjar por aqueles que, reconhecendo as relações de poder em que estão implicados, decidiram resistir a elas e delas escapar. [...] Não efetuo as minhas

análises para dizer: eis como as coisas são, vocês foram pegos. Só digo essas coisas na medida em que considero que isso permite transformá-las. Tudo o que eu faço, eu o faço para que isso sirva.

É sabido que o tema da docência não é tema de ensino e de pesquisa nos Cursos do *Collège de France* de Michel Foucault. Mas esta insistência de pensar os saberes docentes de Foucault em seus cursos é porque os temos usado como experiências de enfrentamento e equipagem para pensar e fazer o presente. Tal insistência é, em especial, efeito do bom encontro com um trabalho de Rodrigues (2015), “Um dia, talvez, não se saberá mais o que foi o currículo: ensaio a partir de uma retroprofecia à maneira foucaultiana”. O texto referenciado de Rodrigues, analisa a entrevista – intitulada “Verdade, poder e si mesmo” – em que Foucault (2006, p.294) se identifica como um professor, nos falando que ele foi à Universidade de Vermont, para discutir seu trabalho em comum. Nas palavras de Foucault,

[...] sou um professor. Um fenômeno social me intriga: desde os anos 60 certos professores tendem a se tornar homens públicos, com as mesmas obrigações. Não quero bancar o profeta e dizer: “Sentem-se, por favor, o que tenho a dizer é muito importante. Vim para discutirmos nosso trabalho comum.

Nesta mesma entrevista, após dizer o que significa sua cadeira – “História dos sistemas de pensamento” – no *Collège de France*, ele anuncia qual é o seu papel, mesmo considerando este termo muito pomposo.

Meu papel é mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída. O papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas (FOUCAULT, 2006, p. 295).

E, completa, em outra resposta: “todas as minhas análises se contrapõem à ideia de necessidades universais na existência humana. Elas acentuam o caráter arbitrário das instituições e nos mostram de que espaço de liberdade ainda dispomos, quais são as mudanças que podem ainda se efetuar” (Idem, p. 296).

Há muitos motivos pelos quais decidimos trazer para cá esta entrevista. Mas quero destacar, aqui, sua ligação estreita com o que anuncio desde o início, dando acento ao modo como Foucault ensina, também, pesquisando (DIAS; RODRIGUES, 2020c). Esta entrevista, em que Foucault se identifica como professor e fala sobre sua função e alguns

dos seus saberes e dispositivos concretos de trabalho, é finalizada de modo concreto pelo tom de problematização do ensinar como pesquisar. Ao ser perguntado quais as relações existentes entre normalização, a ideia de que o homem está no centro do saber e as técnicas de si, ele – o filósofo-professor – leva a sério a dimensão de problematização, eixo fundamental para a formação inventiva de professores.

Voltemos, então, a resposta povoada de problematizações em que Foucault fala sobre a dimensão de um saber emergente da relação estreita entre produção de si e verdade, acentuando o seu caráter sistemático e rígido perseguido pelo professor Foucault (2006, p.300): “Os problemas que estudei são os três problemas tradicionais. 1) Que relações mantemos com a verdade através do saber científico, quais são nossas relações com esses “jogos de verdade” tão importantes na civilização, e nos quais somos simultaneamente sujeitos e objetos? 2) Que relações mantemos com os outros, através dessas estranhas estratégias e relações de poder? Por fim, 3) Quais são as relações entre verdade, poder e si mesmo?”

E, Foucault conclui a entrevista com uma última pergunta para dizer o ponto em que ele se encontra em suas análises: “O que haveria de mais clássico do que essas questões e de mais sistemático do que passar da questão um à questão dois e à questão três para voltar à questão um?”. Ponto intensivo e problemático que ele analisa em seus livros, cursos, conferências, entrevistas... desde o início de seu trabalho no *Collège de France*. Talvez, esteja aqui, mais um ensinamento do professor Foucault, que realiza um ensino como pesquisa, problematizando a relação estreita entre a constituição do sujeito e a produção da verdade, com seus regimes de força, de verificação e de subjetivação.

Conclusão

Deixamos aqui algumas formas de aproximação entre os cursos do professor Michel Foucault e seus saberes docentes, sinalizando a ligação estreita entre aprender e desaprender, em que cada traçado de vida e de formação se ligam, se singularizam e se subjetivam, afirmando possibilidades de modos outros de constituição de si e sua relação com a liberdade. Bem como a sua função de dispositivo, pois com eles aprendemos a operar nas urgências, nas vulnerabilidades. Com o mestre Foucault seguimos em nossa viagem com a formação inventiva de professores (DIAS, 2012, 2014, 2019) pela resistência e alteridade, quando ampliamos o grau de abertura para o que percorremos e,

ao mesmo tempo, nos deixamos ser interpelados, reivindicados, ligados ao que não somos, mas também de sermos movidos, impelidos no entre-dois e, assim, abandonarmos o dito “Bom professor” autossuficiente como um tipo de posse de toda informação. Se tentamos fazer uma formação inventiva de professores pelo que se forja em um espaço-tempo experiencial em periferia urbana, a partir destes movimentos atuais da pesquisa, em companhia de Michel Foucault e Heliana Rodrigues, talvez, também, seja possível seguir afirmando nossa aposta de uma formação perspectivada pela invenção.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. *Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar, escrever com Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2019.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. *Deslocamentos na formação de professores: aprendizagem de adultos, experiência e políticas de cognição*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Formação inventiva como possibilidade de deslocamentos. In: DIAS, R. O. *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Lamparina, 2012, p. 25-41.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Vida e resistência: Formar professores pode ser produção de subjetividade? *Revista Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 19, n. 3, p. 415-426, jul./set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n3/a07v19n3.pdf>. Acesso 04 jan. 2025.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Modos de trabalhar uma formação inventiva de professores: escrita de si, arte, universidade e escola básica. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Helianda de Barros Conde (orgs.). *Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2019, p. 13-36.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Helianar para positivar errâncias. *Revista Verve*. volume 42, n. 2, 2024, p. 110-121. Disponível em <https://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2024/10/VERVE-46-1.pdf> Acesso 04 jan 2025.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Helianda de Barros Conde. Uma conversa com Alfredo Veiga-Neto. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, Uerj, v.6, n.3, 2020a, p. 1208-1232. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/54609> Acesso 4 jan 2025.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Pensamento e invenção: por uma formação outra. *Revista Mnemosine*. Rio de Janeiro: UERJ, v. 16, n.1, 2020b, p. 4-32. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/52676/34293> Acesso em 04 jan 2025.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Ordens do discurso: comentários marginais à aula de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina/FAPERJ, 2020c.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Recusando o momento cartesiano: Como equipar-se em psicologia e educação? *Revista Educação e Filosofia*, Uberlândia, v.36, n.78, p. 1683-1713, set./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/66295/37952> Acesso em: 04 jan 2025.

EWALD, François; FONTANA, Alessandro. Nota. In: FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros II: a coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 294-300.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 26ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008, p. 243-276.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos VI: repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.289-349.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GALLO, Silvio. O efeito Foucault em educação. *Pro-Posições*. v. 25, n. 2 (74), p.15-21, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pp/a/MCtFSfqBwtSLyGwyZyQDV4J/?format=pdf&lang=pt>

Acesso 04 jan 2025.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2006.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Michel Foucault no Brasil. Esboços de história do presente. *VERVE* (PUCSP), v. 19, p. 93-112, 2011. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/8669> Acesso 04 jan. 2025.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Um dia, talvez, não se saberá mais o que foi o currículo: ensaio a partir de uma retroprofecia à maneira foucaultiana. In: FERRAÇO, C. E.; RANGEL, I.; CARVALHO, J.M.; NUNES, K. R. *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. Rio de Janeiro, Petrópolis: NUPEC; UFES, DP et Alii, 2015, p. 117-130.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *Ensaio de Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Ensaio sobre a escrita em Michel Foucault: do Belo perigo à escultura de si. DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Helianda de Barros Conde (orgs.). *Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2019, p. 37-59.

VEIGA-NETO, Alfredo; RECH, Tatiana Luiza. Esquecer Foucault? *Revista Pró-posições*. v. 25, n.2(74), 2014, p. 67-82. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pp/a/KBdDsSXvG4ykgbf5w5Tz9YL/?format=pdf&lang=pt> Acesso 04 jan 2025.